



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

250 anos de Porto Alegre - 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I - 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG - 170 anos da Batalha de Monte Caseros - 110 anos do início da Guerra do Contestado - 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo - 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso - 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo - Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália - 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.

ANO 2022

Julho

Nº 406

O QUE ACONTECEU NOS EUA NOS PRIMEIROS DIAS DE JULHO DE 1776?

Em 02 Jul 1776, o Segundo Congresso Continental, reunido na Filadélfia, durante a chamada Revolução Americana, resolveu acatar e aprovar a proposta do parlamentar Richard Henry Lee (Virgínia), qual fosse, a separação, do domínio britânico, das treze colônias, representadas por Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, Nova Hampshire, Nova Jersey, Nova Iorque, Pensilvânia, Delaware, Virgínia, Maryland, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia. Após a votação pela independência das colônias, o Congresso iniciou a elaboração da Declaração de Independência, ou seja, um documento legal expondo a decisão e o voto do órgão. O Congresso debateu e revisou o texto da Declaração e o aprovou em 4 de julho.

Qual foi a data mais importante? 02 ou 04 Jul? Algumas fontes defendem também que essa assinatura teria sido em 02 Ago, um mês depois. Mas o que prevalece é 04 de julho mesmo.



Um Tanto Além da Atual Guerra na Região da Ucrânia (*)

Cel Cav EM Veterano Marcos Paz do Nascimento

(*) uso a expressão 'Região da Ucrânia' com o claro propósito de passar ao largo da substância do assunto, ou seja, não está em discussão aqui se os acontecimentos bélicos que lá ocorrem constituem uma guerra interestatal (Federação Russa versus República da Ucrânia) ou intraestatal (Governo de Moscou versus Governo de Kiev).

Ninguém sabe, e se sabe não se arrisca a dizer, como a guerra em curso na Região da Ucrânia terminará, mas penso que dificilmente ela não deixará como saldo:

- o fortalecimento da OTAN;
- um (ainda) maior atrelamento da política de defesa dos países europeus à liderança de Washington;
- o Báltico como área de tensão permanente; e
- a Rússia europeia como prioridade (ainda) maior de defesa russa.

O que se segue, protegido pelo longo prazo a que se refere (o qual, nas palavras de Lorde Keynes é “quando todos estaremos mortos”) considera os “players” que aí estão, passando ao largo de rupturas (sempre possíveis) tipo o desmoronamento da estrutura de poder do Partido Comunista Chinês (isto sim um verdadeiro ‘sonho americano’). (acerca dos “players”, ao final, pode ser elucidativo ver **)

Em de defesa se tratando, até para os norte-americanos o “cobertor é (sempre) curto”, ou seja, o esforço de defesa russo da distante Sibéria será, por definição, enfraquecido. Aliás, de quem a Sibéria é distante? De Moscou, com certeza, assim como de Berlim e de Londres. Não é distante, contudo, de Tóquio e nem de Pequim, mas separe-se um do outro, ou alguém crê que o Mikado tem cacife para espichar o olho (como fez no Manchukuo) sobre o continente, agora que o Império do Meio ressuscitou?

Conclusão, o americano foi com tanta sede ao pote que periga vir a entorná-lo. Quanto mais a Rússia precisar carrear esforços para o Oeste, mais precisará tolerar a influência chinesa na Sibéria e mais Washington verá seu pesadelo crescer. Convém esclarecer que não se pensa aqui em nenhum “China Army” Sibéria afora, mas sim na presença do capitalismo de Estado chinês, amparado num poder militar sólido e próximo, garantindo a oportunidade dos investimentos e a segurança de seu retorno. Daí para governos títeres, nunca se sabe.

Um outro desdobramento dos acontecimentos na Região da Ucrânia, este em prazo incerto, é, em função de um maior comprometimento da OTAN, e, claro, de seu garante, Washington, a China decidir “resolver Taiwan”. Afinal, o estreito tem pouco mais de 100 Km, a “nata” do Exército Chinês aquartela ao pé da obra e o americano ainda tem que proteger a Coreia do Sul da paranoia de seu irmão do norte.

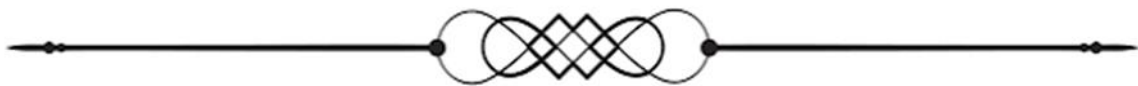
** Assinalo aqui meu entendimento, na linha geral de Arrighi em “O Longo Século XX”, que o Capitalismo ainda está em construção. Assinalo, também, que assim como Arrighi não indicou a China como o estágio pós-USA desta construção (seu texto foi gestado ao longo das décadas de 1970 e 1980 e publicado em 1994), não penso que os Estados Unidos estejam saindo do jogo e nem mesmo que venha a ser substituído pela China. Talvez, apenas talvez, o jogo (a construção do Capitalismo) tenha chegado ao ponto de necessitar uma direção colegiada. Deixo claro considerar o Capitalismo uma das mais extraordinárias tecnologias sociais que nossa espécie (social por definição) engendrou. Foi no Reinado do Capitalismo que a vida humana se expandiu e a felicidade pessoal (como quer que cada um de nós a defina) ficou ao alcance de mais pessoas. Foi no Reinado do Capitalismo que a Ciência pode florescer. Vale contudo, lembrar também que este mesmo Capitalismo (sob pena de matar sua galinha dos ovos de ouro) precisa de limites, os quais só o Estado pode impor. Ocorre que o Capitalismo já é mundial enquanto o Estado, longe disto.

Quanto à competição USA- China, acredito numa muito nítida vantagem norte-americana por três razões:

- 1) a base física norte-americana é extraordinariamente rica pois lá, além do “em se plantando tudo dá”, vale também o “em cavoucando, tudo encontra”; enquanto a base física chinesa é normal;
- 2) a população chinesa (por mérito do Partido Comunista Chinês, o qual, apesar das mortandades que orquestrou, conseguiu eliminar as grandes inundações, as pestes e a guerra civil endêmica) ultrapassou o adequado e constitui, por si só, uma sobrecarga para a economia do país; enquanto a população americana não só é compatível com a base física como é historicamente afeita ao modus vivendi capitalista (aliás, no dizer de Karl Marx, os Estados Unidos é o primeiro país que já nasceu capitalista); e
- 3) o sistema político norte-americano, por ser aberto (pluralístico), constitui-se numa excelente ferramenta para ajustar o Estado à sociedade; enquanto que o sistema político chinês, por ser fechado, tende a tornar

o Estado autocentrado e bloquear sua capacidade de resposta à mudanças sociais decorrentes da ampliação da inserção no sistema capitalista.

Desta competição, para nós Brasil, o risco principal que vejo é o capitalismo de Estado chinês valer-se de sua enorme presença na América Latina para fazer um jogo de desestabilização que, mesmo visando o americano, repercutirá negativamente sobre nós.



Por que estudar história?

(<https://ensinarhistoria.com.br/por-que-estudar-historia/>)

Por que estudar história?

Aníbal, um general Cartaginês, atravessou os congelados e, até então, intransponíveis Alpes com cerca de 40 mil soldados e 40 elefantes. No período medieval as catedrais tinham os vitrais coloridos, pois se acreditava que assim os maus espíritos permaneceriam longe. Mahatma Gandhi, homem magro e de baixa estatura, mobilizou milhares de pessoas que por métodos não violentos libertaram a Índia do domínio Britânico. Informações históricas como essas despertam interesse no público em geral sendo excelentes fontes de inspiração para roteiro de séries, filmes e games. Desse modo, a distração e o divertimento tem sido algumas das funções exercidas pelo conhecimento histórico na vida das pessoas. Mas afinal, que outra função do conhecimento histórico é suficiente para justificar o ato de relembrarmos de fatos que passaram e de pessoas que já morreram?

Por que estudar História?

- Para buscar orientações diante das carências da vida prática e do tempo presente;
- Conhecer o passado para entender o presente e projetar o futuro; e
- Não repetir os erros de nossos ancestrais e compreender a atuação da humanidade no tempo.

Essas têm sido algumas das respostas clássicas para o questionamento do por que estudar história. Apesar de significativas, tais respostas parecem menos convincentes do que as justificativas que se costuma dar para o estudo de outras áreas do saber como matemática e biologia. Afinal, pessoas precisam de casas e para isso existem engenheiros que através de medidas e cálculos matemáticos projetam uma construção. Médicos salvam vidas, mas para isso precisam conhecer aspectos biológicos do corpo humano como o sistema nervoso, imunológico e as funções vitais.

Talvez seja mais fácil identificar os motivos do por que estudamos história ao pensarmos o que ocorreria se instantaneamente perdessemos todas as informações referentes ao passado. É difícil especular sobre o impacto total que uma amnésia coletiva traria, mas esse esquecimento certamente afetaria desde tarefas simples,

como fazer café, até ações mais complexas, como o desenvolvimento de tecnologias que permitem a fabricação de veículos não poluentes. O simples ato de fazer café só é possível devido uma série de legados históricos que começam na primitiva descoberta do fogo.

O aperfeiçoamento tecnológico para invenção de veículos não poluentes só é possível a partir de variações e aperfeiçoamentos de descobertas do século XVIII como o motor a vapor. Pensando dessa forma, levantamos razões óbvias que tornam o conhecimento histórico tão importante quanto os estudos matemáticos e biológicos. Esse raciocínio também permite acrescentar que o estudo de história está ligado à nossa necessidade de orientação diante das carências da vida prática e do tempo presente. Contudo, tal afirmação não esgota as respostas à pergunta referente ao porquê estudar história. Afinal, a preservação de muitos legados do passado, que podem ser úteis para as pequenas e grandes carências do presente, ocorre quase que automaticamente por meio de transmissões geracionais e não depende necessariamente de uma matéria escolar que estuda a história. Desse modo, é importante acrescentar que o estudo da história também está relacionado ao desenvolvimento de uma habilidade cognitiva denominada raciocínio histórico.

Para desenvolver o raciocínio histórico

Recorrendo mais uma vez a comparação entre a história e outras áreas podemos pontuar que se a matemática desenvolve um raciocínio essencial denominado raciocínio matemático (composto pela lógica, estatística, probabilidade, etc.) o estudo de história desenvolve um raciocínio também essencial denominado raciocínio histórico (composto pelo senso de empatia, multiperspectividade, evidência, etc.). O raciocínio matemático é acionado na verificação do troco recebido no mercado, bem como, na construção de um hotel luxuoso de 321 metros de altura na areia do deserto em Dubai. O raciocínio histórico revela as origens e motivos de fatos cotidianos como o porquê da jornada padrão de trabalho ser de oito horas e ajuda a compreender fatos mais profundos como o predomínio de determinada religião em uma sociedade.

Podemos perceber, portanto, que as respostas para a indagação “por que estudar história?” possui níveis de complexidade. Avançando um degrau a mais nesses níveis pontuamos que o estudo de história também está relacionado ao desenvolvimento da consciência histórica.

Para desenvolver a consciência histórica

A consciência histórica é uma constante antropológica, ou seja, é um elemento comum a todo indivíduo em qualquer sociedade humana. Entretanto, possui variações em suas formas de manifestação. Segundo o teórico da história Jörn Rüsen há pelo menos quatro estágios de manifestação da consciência histórica:

- Tradicional: Nessa forma está embutida a ideia que as coisas boas sobrevivem às mudanças; Quanto mais velho melhor; A permanência faz sentido.

guerrilhas de inspiração comunista surgiam por toda parte, pois muitas pessoas, principalmente os jovens, acreditavam piamente (ou seria melhor dizer fanaticamente?) que no socialismo estava a salvação do mundo!

Pouco antes, um batalhão do Exército Brasileiro havia sido empregado em São Domingos, em uma missão de imposição da paz, juntamente com tropas dos Estados Unidos e de outros países das Américas. Foi necessário conter forças irregulares numerosas que, inspiradas e apoiadas pelo ditador Fidel Castro, estavam prestes a tomar o poder naquele país.

Vários oficiais que haviam estado em São Domingos eram instrutores da AMAN. O coronel Paulo Campos Paiva, nosso comandante do Corpo de Cadetes, o capitão João Cosenza, S/3 do Curso de Infantaria e o tenente Alberto Mendes Cardoso, instrutor de patrulhas, eram exemplos do que afirmo.

Na época, o tenente Cardoso ficou famoso entre os cadetes, pois era o autor de uma apostila, depois transformada em Instruções Provisórias para o Exército (as IP 31-15), denominadas “O pequeno escalão nas operações antiguerrilha”. Este documento era a nossa bíblia e eu e meus companheiros o conhecíamos de cor e salteado, pois acreditávamos sinceramente que nele estava a chave para liquidar as supostamente invencíveis guerrilhas comunistas. Mais tarde, nós iríamos usar, com sucesso, o que havíamos aprendido e praticado no DIEsp e no Curso de Infantaria!

Mas voltemos ao Estágio de Fuga e Evasão, que era inspirado na odisséia dos soldados dos exércitos ocidentais feitos prisioneiros de guerra no longo conflito da península Indochinesa. Lá, as forças guerrilheiras comunistas submetiam os prisioneiros indefesos a todas as humilhações, privações e sofrimentos, violando, de cabo a rabo, os protocolos internacionais em vigor sobre o assunto, contidos nas famosas Convenções de Genebra. Naquela época ainda não sabíamos que os campos de concentração haviam surgido primeiramente na URSS e que os carrascos vermelhos neles haviam internado milhões de seus próprios compatriotas, antecedendo e superando os nazistas na prática do genocídio.

Os Estágios do DIEsp deixavam o cadete, no mínimo, preocupado. Para aumentar a preocupação dos futuros estagiários, os oficiais instrutores, todos “Comandos”, distribuíam, nos alojamentos e nas mesas do rancho, um pequeno jornal denominado “O Gleba” (um trocadilho com “O Globo”), especializado em notícias sobre um hipotético país comunista vizinho, a Esboslávia, com o qual o Brasil teria graves pendências na demarcação da linha de fronteira. O Gleba trazia notícias ruins, denunciadas pela Cruz Vermelha, sobre o péssimo tratamento dado aos prisioneiros do Campo 156 de Reforma do Pensamento, onde eram internados os adversários e os dissidentes do governo chefiado pelo presidente vitalício da Esboslávia, Dom José Perro de Las Luces.

A previsão do tempo fornecida pelo pasquim era geralmente desanimadora – “tempo ruim, passando a péssimo” – mas ali os instrutores informavam, também, a fase da lua, algo importante para as operações e deslocamentos noturnos. Trazia curtas reportagens sobre Dom Perro e sobre o comandante do exército esboslavo, o impiedoso marechal Krakoldo. Noticiava, ainda, os últimos confrontos entre tropas brasileiras e esboslavas nas fronteiras, prenúncio da guerra que se aproximava. Lendo O Gleba, o cadete ficava ciente da “situação geral” que iria viver no exercício.

Certa noite, após o toque de silêncio, os sargentos de dia às subunidades do 4º Ano receberam ordem para levar seus companheiros até a esplanada entre o Curso Básico e o Curso de Infantaria. Quando estávamos reunidos naquele local, que era mantido em total escuridão, um alto-falante noticiou que a Esboslávia havia invadido, de surpresa, o nosso território. Naquele exato momento, fortes explosões e rajadas de metralhadora foram ouvidas por toda parte. Militares, vestidos com abrigos tipo parca, surgiram da escuridão e nos capturaram. Havia começado a guerra com a Esboslávia e nós fôramos aprisionados, sem termos disparado um único tiro! Imediatamente e “correndo curto”, fomos levados para dentro de um dos picadeiros da Secção de Equitação, onde os nossos captores haviam instalado um campo de triagem de prisioneiros de guerra. Ali foi feito um controle dos prisioneiros. Mandaram que despíssemos nossos uniformes e, um a um, completamente nus, éramos chamados por nossos captores que, postados nas galerias, falavam um idioma esquisito, uma mescla de português com espanhol. Enquanto isto, outros galopavam entre nós, montados em poderosos cavalos negros e trajando uniformes estranhos. Era um verdadeiro teatro e nós nos impressionávamos e vivíamos, verdadeiramente, a situação

que nos era apresentada. Para todos os efeitos, éramos prisioneiros de guerra e aqueles militares, que falavam “portunhol” e vestiam bizarras fantasias, eram os inimigos!

A roupa que nos foi fornecida era precária. Resumia-se a uma calça com as pernas pela metade, como se fosse uma bermuda, e uma blusa com as mangas arrancadas, com uma inscrição nas costas, algo como PG 07 (prisioneiro de guerra, número 07), por exemplo. Permitiram que ficassemos com nossos coturnos, mas sem os cadarços e sem as meias. Outro problema que nos criaram foi o confisco dos cintos e a retirada de todos os botões das calças e das camisas que nos deram.

Num determinado momento, cobriram nossas cabeças com sacos de pano, que impediam a nossa visão. Fomos divididos em grupos e espremidos nas carrocerias de caminhões militares que, após receberem sua carga humana, ligaram os motores e partiram, seguindo um rumo por nós ignorado.

O comboio de viaturas rodou o restante da noite e os estagiários exaustos acabaram, em sua maioria, dormindo um sono tumultuado e entrecortado pelas sacudidelas dos caminhões, pelos gritos, disparos de armas de fogo e silvos de apito dos nossos captores.

Ao alvorecer, chegamos a um local que não conhecíamos. Fomos desembarcados dos caminhões e, ainda com os olhos vendados, conduzidos para uma área razoavelmente plana, cortada por um pequeno rio de leito pedregoso, de corrente rápida e gelada. Neste lugar, nos mandaram retirar os capuzes que nos vendavam os olhos. Estávamos dentro de um quadrilátero, cercado com arame farpado. Em um dos lados erguia-se uma espécie de torre, que no Exército chamamos de “mangrullo”, onde haviam pendurado uma placa que identificava o local: CAMPO 156 DE REFORMA DO PENSAMENTO. Estávamos no meio das montanhas, talvez na Serra da Mantiqueira ou na Serra do Mar, mas nem desconfiávamos a que distância o Campo 156 estava da AMAN. Parecia que tínhamos sido levados para a Esboslávia!

Um militar barbado, magro e de nariz adunco, trajando um gorro de pele e ostentando muitas medalhas sobre o peito, identificou-se como o “chefe do campo” e disse chamar-se coronel Otanerof (Renato, de traz para a frente, mais o sufixo “of”). Sua voz era desagradável e rude, fazendo-nos antipatizar, de imediato, com a sua pessoa. Eu o reconheci como um de nossos captores. No picadeiro, ele montava um cavalo preto e vestia um poncho de lã verde oliva desbotada.

Fomos imediatamente organizados em grupos de trabalho e nos leram o regulamento do Campo 156, que consistia numa série de proibições e severas punições para os infratores. Em seguida iniciaram-se os trabalhos. Quebrar pedras e construir um grande muro, cavar buracos enormes e tornar a enchê-los de terra, catar e cortar lenha, carregar toras pesadíssimas de um lado para o outro, foram algumas das tarefas, aparentemente sem propósito, a que fomos submetidos durante todo o dia. Ao entardecer nos informaram que o rendimento de nosso trabalho fora muito baixo e que, em consequência, não teríamos direito à alimentação. Na Esboslávia, o “porco capitalista” que não trabalhasse não iria comer.

Fomos entregues ao comissário político do Campo 156 que, numa pregação de muitas horas, mostrou-nos as vantagens da agricultura não mecanizada, praticada em países comunistas, sobre a agricultura mecanizada dos países capitalistas. A primeira, dizia ele, mantinha as pessoas empregadas no campo e impedia o inchamento das cidades e o crescimento das favelas.

Após o longo e cansativo discurso, ainda tivemos que aprender a cantar o “Hino da Esboslávia” que dizia assim:

“Avante, sempre avante, Esboslávia,
Mostre ao mundo inteiro o seu valor.
Seus filhos estão prontos para a luta,
No ar, no mar, na terra, ou onde for!
Estribilho
Esboslávia! Seus filhos preferem morrer!
Esboslávia! A viver sem te defender!”

Estes versos foram cantados e repetidos mil vezes, até que os captores se cansaram daquilo. Tarde da noite, deram-nos duas barracas velhas e rasgadas, para que as montássemos e usássemos como

alojamentos. Espessa cerração de montanha caiu pesadamente sobre a região e logo a temperatura beirava zero grau. Tiritávamos de frio e então os guardas nos deram fósforos para que acendêssemos uma fogueira.

O grupo encarregado de catar lenha havia conseguido, durante o dia, juntar alguns poucos galhos, que viraram pequena fogueira, em volta da qual nos aglomeramos. Como era bom o calor do fogo, a primeira coisa favorável que nos acontecia desde a noite anterior! A alegria durou pouco. Homens armados entraram pelo campo a dentro e, aos gritos, nos ordenaram que entrássemos em forma.

O coronel Otanerof parecia furioso e acusava os prisioneiros de terem roubado mantimentos da cozinha do Campo. Fomos submetidos a uma rigorosa revista, que tinha por objetivo localizar as batatas e os pães que supostamente havíamos furtado. Um a um, éramos levados e revistados. De repente ouviu-se uma gritaria! Tinham encontrado um pãozinho com um dos prisioneiros, o que provava as acusações de Otanerof. Devido a este roubo, todos seriam castigados, dizia ele. Não receberíamos alimentação no dia seguinte!

O segundo dia no Campo 156 foi penoso. Estávamos muito cansados e com fome. Executamos os trabalhos que nos ordenaram com grande lentidão, procurando poupar nossas forças. O tempo correu devagar. Os prisioneiros eram levados para serem interrogados e aqueles que se recusavam a prestar informações aos inimigos eram insultados e trancados em gaiolas de bambu, que ficavam quase totalmente mergulhadas na água gelada do riacho. No final da tarde, reiniciou-se a doutrinação ao encargo do comissário político, que foi interrompida com a chegada do Dr Amadeu, representante da Cruz Vermelha, que vinha verificar a situação em que se encontravam os prisioneiros de guerra. Fomos avisados para não apresentarmos queixas e denúncias, ou iríamos nos arrepender.

O chefe da delegação da Cruz Vermelha era um homem alto, de barba espessa e negra, que vestia um velho terno azul desbotado, camisa de colarinho puído, gravata esverdeada, meias brancas amareladas de sujeira e sapatos pretos de amarrar sujos de lama. O chefe do campo o acompanhava e lançava olhares ameaçadores sobre os prisioneiros. Quando o Dr. Amadeu perguntou a respeito da alimentação que nos era fornecida, um dos nossos respondeu que nada tínhamos comido até aquele momento. O coronel Otanerof irritou-se muito e disse que era tudo mentira. Em seguida mandou buscar uma amostra da comida que nos era servida. Em um minuto apareceu um soldado com enorme bandeja de “bifes a cavalo” e um de nós foi chamado para apanhá-la e distribuir a comida aos demais. O companheiro avançou para pegar os bifes. Mas, antes que o fizesse, o soldado que segurava a bandeja simulou um escorregão no limo de uma pedra e todo o alimento caiu no chão, bem em cima de um monte de estrume de vaca. O chefe do Campo, dizendo-se preocupado com a nossa saúde, mandou recolher aquela comida “contaminada”, afirmando que, mais tarde, providenciariam outros bifes para o jantar. Pouco depois, o homem da Cruz Vermelha retirou-se, parecendo satisfeito com o que vira. Nós continuamos mais uma noite com os estômagos vazios.

Pela manhã, foi feita a contagem dos presos e nos deram uma pequena panela, um pouco de sal e umas pelancas de carne para fazermos uma sopa. Acendemos uma pequena fogueira e esquentamos a água, com o sal e as aparas de carne. Quase todos tomaram um pequeno gole daquele caldo ralo.

Naquela manhã, foi introduzido no campo um prisioneiro antigo, que estaria ali há mais de quatro anos. Aquele homem nos transmitiu informações importantes. Disse que a fronteira entre o Brasil e a Esboslávia ficava nas montanhas a sudoeste e que na próxima noite seria substituída a guarda do Campo. Talvez surgisse a oportunidade para uma fuga em massa. Devíamos nos organizar em grupos, de cinco a dez elementos e, após escaparmos, deveríamos seguir para oeste, na direção da vila de Mauá, procurando localizar a fazenda de Quinzinho Moreira, um amigo do Brasil, que odiava o ditador Dom Perro. Ele nos ajudaria a sair da Esboslávia, por uma trilha através das montanhas.

Tratamos de nos organizar e, é claro, procuramos manter o grupo do apartamento 316, isto é, aquele pessoal que dormia no mesmo alojamento na AMAN. O resto do dia, vivemos um clima de suspense! Os prisioneiros falavam baixinho uns com os outros, ansiosamente, esperando a hora da fuga. Novamente chegou a noite. Entretanto, algumas horas depois do pôr do sol, uma lua em quarto crescente, que ainda não tínhamos notado, surgiu detrás das montanhas mais próximas. Os soldados esboslavos

permitiram que acendessemos uma fogueira e parecia que tinham diminuído o número de guardas. O prisioneiro antigo apareceu entre nós e disse que havia chegado a hora! Indicou-nos um ponto da cerca onde o arame farpado estava cortado e os pequenos grupos foram, pouco a pouco, desaparecendo na escura noite.

Nosso grupo fugiu em silêncio e não havíamos, ainda, nos distanciando 200 metros do Campo 156, quando começamos a correr a toda velocidade através de um terreno pedregoso. O Mota queria prosseguir naquela correria nervosa até a Academia. Foi demovido pelos argumentos da maioria, que sabia estar apenas começando mais uma penosa etapa do exercício: a evasão.

Paramos um momento para nos orientarmos. A luz fraca da lua nos ajudava e identificamos, um pouco mais abaixo, o que nos pareceu ser o leito de uma estrada. Seria aquela a estrada de Mauá? Decidimos segui-la para Oeste e caminhamos toda a noite por cima das elevações, à cavaleiro dela.

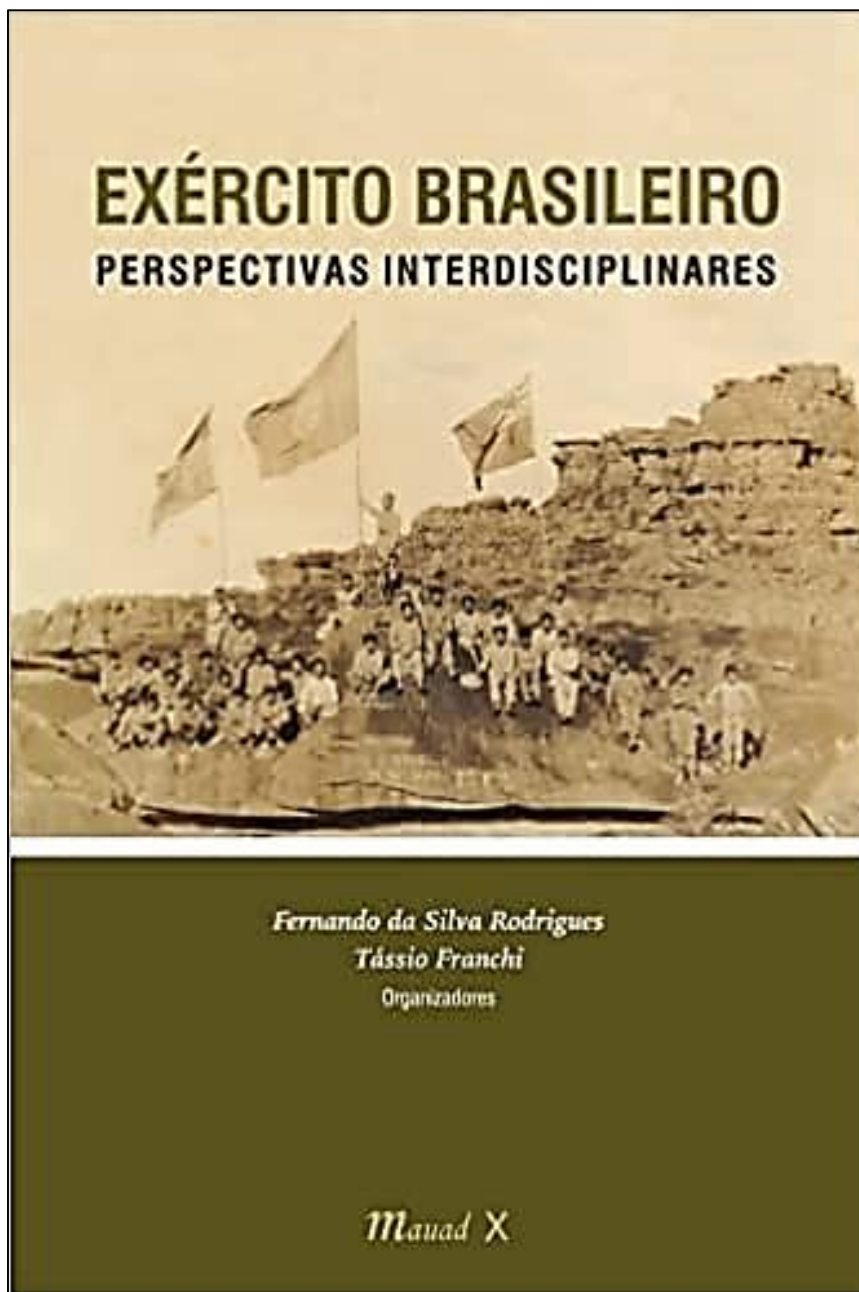
A aurora nos surpreendeu quando ainda estávamos bem antes de nosso primeiro objetivo, a vila de Mauá. Próximo a ela buscaríamos contato com Quinzinho Moreira. No momento da fuga, o prisioneiro antigo nos entregara um pequeno e mal traçado mapa, com o qual poderíamos localizar o sítio deste amigo. Ele nos daria alguns agasalhos e algumas provisões para que pudéssemos atravessar as montanhas. Progredíamos com cuidado; a estrada, no ponto onde estávamos, margeava o Rio Preto, cheio de corredeiras, e nós íamos caminhando pela meia encosta das elevações, na margem esquerda do rio. Estávamos próximos da localidade quando fomos avistados por uma patrulha inimiga, que, rapidamente, desembarcou da viatura que a transportava, vadeou o curso d'água e começou a atirar e correr em nossa direção. Não planejáramos o que fazer nesta situação e, para agravar o quadro, o nosso grupo de fuga não tinha um chefe formal. “Tocou horror” na equipe, todos falavam e davam ordens. Cerca de 100 metros à nossa frente iniciava-se uma mata densa e foi para lá que corremos, buscando refúgio. Eu estava um pouco distante de meus companheiros e numa cota superior à deles, por isto entrei entre as árvores altas em um local diferente do deles. Naquele momento separei-me do grupo de fuga e não consegui mais encontrá-lo. Tive que prosseguir sozinho na evasão.

De imediato, surgiu o primeiro problema: o mapa que indicava o local do sítio de Quinzinho Moreira estava com o Burnier. Por sorte, eu tinha memorizado o pequeno esboço e pensava que sabia a direção a seguir. Meu destino final era um lugar, no alto da serra, chamado “Abrigo Rebouças”.

Chegou a noite e percebi que não iria chegar onde pretendia sem perguntar a alguém. Decidi aproximar-me de um pequeno sítio e pedir ajuda. Minha aparência era péssima. Vestido com os trajes de prisioneiro de guerra, barbado, sujo e abatido pela falta de comida e de sono, não fazia uma boa figura. Aproximei-me com cuidado da pequena casa e um cão pequeno (ainda bem) anunciou minha chegada com latidos proporcionais ao seu tamanho. Bati palmas e um homem alto, magro e de tez avermelhada pelo sol, apareceu na porta, fracamente iluminada pela luz de um lampião de querosene. Tive que “sair de situação” para explicar ao fazendeiro o que se passava e o que pretendia.

A ajuda que recebi naquele sítio foi fundamental para que pudesse prosseguir no cumprimento da minha missão. Penalizados com o meu aspecto deplorável, o homem e sua mulher deram-me um prato de boa comida quente e algumas informações. Tinham ouvido da boca de um sargento, em um pequeno armazém em Mauá, que os cadetes deveriam chegar ao Abrigo Rebouças, próximo ao pico do Itatiaia e ensinaram-me como alcançar uma das trilhas que subia a serra. Só não souberam dizer onde morava o tal de Quinzinho Moreira. Muito depois, vim a descobrir que este nome era fictício. Quinzinho Moreira não existia, era apenas um personagem do exercício, representado por um dos monitores, que tinha a dupla missão de fornecer aos cadetes: mantas para que enfrentassem o frio da montanha e, ao mesmo tempo, atuar como ponto de controle. Por isto, o casal que me ajudara não o conhecia e eu nunca o veria.

Alimentado e após descansar cerca de uma hora, agradei a ajuda recebida e prossegui no meu caminho. Estava em maus lençóis! Sozinho na evasão, em região desconhecida e dominada pelo inimigo, uma situação que cheirava a fracasso! O jeito era rezar e tocar em frente, tomando cuidado para não ser novamente aprisionado ou me perder. Por sorte o céu estava nublado. Nuvens encorpadas escondiam a lua e pude andar, cautelosamente, pela beira da estrada que o sitiante mostrara. Após caminhar uns cinco quilômetros cheguei a um entroncamento da estrada principal com uma trilha de carroça que parecia



Editor:
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com
Sites:
www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br
Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br
Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com